

Nota Introdutória

O dossier *Decolonialidade da Educação: propostas para uma nova geopolítica do conhecimento*, que agora se publica, organizado por Manuel Tavares e Eduardo Santos, professores do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Nove de Julho (UNINOVE), São Paulo, diz respeito a uma temática muito discutida no mundo académico progressista, quer no mundo ocidental, quer nos países denominados periféricos e semiperiféricos. A geopolítica do conhecimento ou a exigência de uma nova geopolítica do conhecimento, em oposição a uma ordem hegemónica – a produzida na modernidade e imposta a todos os povos pelos processos de colonização e colonialidade global - faz todo o sentido num momento e conjuntura específicos em que, de novo, se verificam interferências inadmissíveis nas políticas internas de países independentes e que foram subjugados pelo colonialismo, na contramão das exigências do Direito Internacional, e ataques aos países do Sul por parte dos chamados países do Norte, com destaque para os EUA e seus submissos acólitos, destruindo o património cultural, promovendo golpes de estado para que as elites brancas controlem o poder e as riquezas que pertencem aos povos. O objetivo de pilhagem das riquezas naturais só pode ser atingido pela continuidade do colonialismo interno ao serviço das elites nacionais e do poder financeiro internacional. A ordem política e económica mundial é acompanhada por uma ordem epistémica que insiste em não reconhecer outras formas de conhecimento que não o científico. A subjugação e subalternização de culturas e saberes ao longo da história impediu a emergência de outras epistemologias que pudessem dialogar com as epistemologias do Norte. Assistimos atualmente a um verdadeiro epistemicídio pela reafirmação de um paradigma que dominou durante mais de três séculos; em alguns casos, como o Brasil, assiste-se ao regresso a um paradigma

medieval, pré-moderno e à tentativa de imposição de um poder ditatorial com feições teocráticas. A submissão política e económica dos países do Sul às determinações dos países do Norte e às suas agências multilaterais de regulação transforma a produção do conhecimento numa disputa pelo poder e hegemonia entre os atores globais, mantendo os povos do Sul numa situação de colonialidade política e epistémica. Parece-nos ser de importância relevante reconhecer que a denominada “sociedade do conhecimento” é uma derivação da geopolítica global, em que o conhecimento assume uma importância estratégica para responder às exigências e necessidades da economia de mercado da qual grande parte dos cidadãos é excluída. O domínio do conhecimento científico confere vantagens políticas e financeiras a quem o detém e, por isso, pensar a geopolítica do conhecimento torna-se uma questão fulcral considerando a relação que se estabelece entre conhecimento e poder e tendo em consideração, também, o investimento maciço das grandes corporações transnacionais no desenvolvimento técnico-científico, sobretudo na área tecnológica. Os artigos de autores que se situam numa perspectiva teórico-epistemológica pós-colonial e que se publicam nesta edição da *Revista Lusófona de Educação*, têm por finalidade ampliar as reflexões sobre as políticas hegemónicas e posições contra-hegemónicas tendo em vista a construção de outra geopolítica do conhecimento, mais justa e mais solidária.

Catherine Walsh abre o presente dossier, com o artigo *Universidades, seres, saberes y (geo)poder(es) en Ecuador y América del Sur*. O texto é uma reflexão sobre o que é e para que serve a universidade e sob que projetos se estão orientando e reorganizando, bem como os seres e os saberes, tomando como objeto de análise a universidade no Equador e em outros países da América do Sul. A autora defende a tese de que a atuação das universidades representa, na contemporaneidade, um compromisso com o capitalismo, com as indústrias extrativistas e com os interesses dos projetos corporativistas dos estados. Denuncia o *ethos* masculino, patriarcal, colonial e ocidentalizante das universidades, gerador de apatia, silenciamento forçado e sonambulismo intelectual nos seus agentes. A autora defende que, tal como ocorre a nível global, a universidade na América do Sul atravessa um período de decadência, marcado por um longo processo de declínio que tem conduzido à sua deterioração e ao “esquecimento” das suas verdadeiras funções sociais. A universidade está submetida a uma lógica mercantil e dominada pela lógica desumana da colonialidade global.

O segundo artigo, *L'enseignement de l'histoire em France a-t-il fait l'objet d'un «Épistémicide»? Retour critique sur quelques présupposés de la pensée décoloniale*, de Laurence De Cocke, tem como objetivo fazer uma reflexão crítica sobre o ensino da história na França e sobre o conteúdo dos manuais escolares. Argumenta-se que o ensino da história só pode ser político e, portanto, é necessário saber quais conhecimentos básicos os alunos devem assimilar para exercer sua cidadania política. A narrativa histórica da França, forjada no século XIX, na época da constituição académica

da disciplina de história é baseada em uma narrativa linear, ancorada nos principais personagens, fundadores de eventos, e carregada por uma lógica progressista para demonstrar o progresso de França para o melhor. Essa narrativa histórica tinha um duplo objetivo: fornecer uma matriz de identidade pela identificação comum a um destino coletivo, estabelecer um apego patriótico e um consentimento ao poder, primeiro imperial, depois republicano. A autora refere que, na atualidade, as questões coloniais estão fortemente representadas no ensino da história francesa. Novas temáticas são abordadas a partir da década de 70: uma delas diz respeito à inclusão das descolonizações, como conteúdos de ensino a serem organizados em uma narrativa histórica; outra, de caráter mais político, é a demanda social que emerge sobre a memória colonial, em conexão com a politização na França da questão da imigração colonial e pós-colonial. Hoje, a história colonial está muito presente, no ensino médio, na faculdade e no ensino tecnológico e profissional. A autora problematiza o ensino da história, em França, e questiona se ele não terá sido objeto de um epistemicídio.

O terceiro artigo, de António Joaquim Severino e Manuel Tavares, *Por um projeto insurgente e resistente de decolonialidade da universidade latino-americana*, tem por objetivo fazer uma reflexão e análise sobre as implicações da colonização na destruição das culturas dos povos originários da América Latina, pela imposição de um modelo de racionalidade e epistémico de caráter eurocêntrico. O processo de colonização gerou a colonialidade, conceito mais abrangente e mais profundo do que o de colonização. Colonialidade do poder, das mentes, do conhecimento, do gênero, da sexualidade, das subjetividades. Construídas no âmbito e por influência da cultura europeia, as instituições de educação superior vêm reproduzindo os modelos de racionalidade de herança europeia, primeiro e, posteriormente, também norte-americana. Os autores defendem que a proposta de decolonialidade e sua relação com o conceito e prática da interculturalidade crítica, constitui uma opção política, com implicações pedagógicas, epistémicas, ontológicas e éticas.

Ya no mirarse con los ojos del otro ...Apuntes sobre una educación descolonizadora y descolonial, de Josef Estermann, é o quarto artigo do presente dossier. O autor refere que uma educação verdadeiramente descolonizadora e descolonial supõe e implica praticar uma desconstrução intercultural crítica dos esquemas mentais “coloniais” e ir além de uma concepção culturalista do mundo. Isso significa que é necessário adotar diferentes rupturas epistemológicas para que não mais vejamos com os olhos do outro e reproduzamos as introjeções mentais do colonizador e do neo-colonizador. Tomando como exemplos as novas constituições políticas “descoloniais” da Bolívia e do Equador, o autor adverte sobre os perigos de uma educação descolonial superficial e de maquiagem, que não questione as verdadeiras relações de poder.

José Eduardo Santos trabalha, no quinto artigo, *Da Geopolítica das potências à Geopolítica do conhecimento: financeirização e epistemologias de mercado na*

educação superior brasileira, procurando estabelecer os nexos teórico-políticos que articulam as mudanças contemporâneas no setor, com foco em sua acelerada financeirização e desnacionalização, concluindo pela identificação de aspectos conducentes à adequação dos sistemas de formação superior a epistemologias de mercado. O aporte teórico principal centra-se na produção intelectual da Sociologia Política da Educação e da Geopolítica, e os dados explorados foram extraídos do Censo da Educação Superior que demonstram os caminhos de reconfiguração mercadológica do setor, no Brasil, pela via da financeirização e da construção de instituições e projetos de formação, organizados sob a lógica privado-mercantil.

Susana Pinto, no sexto artigo, *Encounters of cultures in doctoral supervision: productive or problematic*, discute, no âmbito da internacionalização do ensino superior, a problemática da inclusão de doutorandos dos países de língua oficial portuguesa (CPLP) no Departamento de Psicologia da Universidade de Aveiro. Esta inclusão coloca questões relacionadas com a dimensão intercultural da supervisão. Numa investigação de carácter teórico e empírico, a partir de entrevistas semiestruturadas com estudantes e supervisores, a autora conclui que os resultados da análise temática indicam que diferentes culturas se encontram: culturas pedagógicas/académicas; *backgrounds* linguísticos; culturas de investigação e conhecimento e culturas de comunicação. Estudantes e supervisores reconhecem que o encontro dessas diferentes culturas traz potencialidades (*visão produtiva*) e constrangimentos (*visão problemática*).

O sétimo artigo, de Adriana Loss e Maria Geralda Oliver Rosa, (*In*) *visibilidade das vozes no ensino superior: desafios do pensamento decolonial*, discute e problematiza outras formas de construção do conhecimento no ensino superior, como forma de viabilizar o pensamento crítico e outras pedagogias de inclusão. A investigação, de cunho qualitativo-interpretativo, desenvolvida a partir de um estudo de caso, com o recurso ao grupo focal como instrumento metodológico, tem por finalidade repensar um espaço de resistência para garantir a permanência no ensino superior de sujeitos invisibilizados pelas estratégias de dominação do poder e do saber. Os resultados da investigação sinalizam alguns avanços, ainda que tímidos, no que diz respeito à inclusão-permanência de afrodescendentes, indígenas e agricultores na educação superior.

Finalmente, este número da *Revista Lusófona de Educação* inaugura uma nova secção: *Ensaio*. O ensaio de Walter Dignolo, *A Geopolítica do Conhecimento e a Diferença Colonial*, enquadra-se na mesma temática do dossier. Consideramos, todavia, que pela sua relevância, profundidade teórica e amplitude conceptual deveria fazer parte de uma secção. O referido ensaio tem por finalidade fazer uma reflexão sobre a modernidade à qual está acoplado o conceito de colonialidade, a partir de Dussel e Quijano e em diálogo com Wallerstein. O autor defende que a modernidade não é um fenómeno estritamente europeu, mas antes planetário, para o qual os “bárbaros excluídos” contribuiram, ainda que o seu contributo não tenha sido reconhecido.

O autor introduz o conceito de *diferença colonial* com o objetivo de ampliar os conceitos de transmodernidade e de colonialidade do poder. A geopolítica do conhecimento organiza-se em torno da diversificação, através da história, das diferenças coloniais e imperiais. No final do ensaio, Mignolo reflete sobre o eurocentrismo à esquerda a partir da visão de Slavoj Žižek.

Esperamos que este conjunto de textos, bem como o ensaio de Walter Dignolo, animem as reflexões académicas sobre geopolítica do conhecimento, sobre novas epistemologias de carácter insurgente e resistente e possa servir de referência para trabalhos académicos na área da educação, das epistemologias e da sociologia política e do conhecimento.

Manuel Tavares
Eduardo Santos
São Paulo, Janeiro de 2020